



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – Fil

TAMIRIS LIMA DE SÁ

**“SER OU NÃO SER? EIS A QUESTÃO!” UMA ANÁLISE HISTÓRICO-  
FILOSÓFICA ACERCA DO SUICÍDIO E DO ABSURDO EM ALBERT  
CAMUS.**

BRASÍLIA  
2020

Trabalho de Conclusão de Curso da autoria de Tamiris Lima de Sá, cujo título é “Ser ou não ser? Eis a questão!” Uma análise histórico-filosófica acerca do suicídio e do absurdo em Albert Camus”, apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura e Bacharel em Filosofia pela Universidade de Brasília, em 27 de Julho de 2020, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula, orientador

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes, examinador

---

Prof. Dr. Wanderson Flor Nascimento, examinador

TAMIRIS LIMA DE SÁ

**“SER OU NÃO SER? EIS A QUESTÃO!” UMA ANÁLISE HISTÓRICO-  
FILOSÓFICA ACERCA DO SUICÍDIO E DO ABSURDO EM ALBERT  
CAMUS.**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Filosofia da  
Universidade de Brasília  
como requisito parcial para a  
obtenção do título de  
graduada em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr.  
Márcio Gimenes

BRASÍLIA  
2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e tudo o que Ele passou a significar na minha vida após essa graduação, me permitindo, de alguma forma, chegar ao final de mais uma etapa em minha vida e me dando forças para persistir. A São Francisco de Assis, meu amigo espiritual, no qual o conheci melhor nesse período.

À minha mãe Rosa de Souza Lima, ao meu pai Elizio Pinheiro de Sá, aos meus irmãos: Gabriel Lima de Sá, Daniel Lima de Sá, Maria Regina Lima de Sá e Rafael Lima de Sá, por me aguentarem com questões filosóficas no dia-a-dia, e minhas constantes problematizações da vida e sociedade. Por não faltarem com amor e paciência, me dando apoio e suporte durante todos esses anos.

Aos meus avós, Alderiva Angélica de Jesus e Antônio de Souza Lima, Maria Pinheiro de Sousa Sá e Elizio Geraldo de Sá. Essa conquista também é de vocês!

Agradeço também a duas grandes amigas que a filosofia me presenteou. À Laíse Rabêlo Cabral, por nossas conquistas diárias, nossas pesquisas e viagens e Sabrina da Costa Lopes Gonçalo pelos nossos debates, conversas, questionamentos. Obrigada por sempre se fazerem disponíveis e presentes. Por sofrermos juntas diante de tantas questões que nos interpelam. Nossas conversas são sempre de muito aprendizado para mim. Suas amizades me são muito caras.

Em especial, agradeço ao meu parceiro de vida, Jeferson Jesus da Silva. Sua amizade me sustentou muitas vezes nessa jornada alucinante da graduação em filosofia que respinga questões em todos os outros âmbitos de minha vida e na vida dos mais próximos.

Aos *amigues* de luta Camille Fiamoncini Mattos, Helena Xavier Vieira Gollo, Isabela Ribeiro Luduvichack, Jessica Rodrigues Lara, Luana Rodrigues, Matheus Felipe Costa, Pedro Azevedo, Pedro Farias Mentor, Talita Camilo Lemos e Tatyane Rodrigues nossos momentos de revolta diante dos absurdos da vida foram de extrema importância para mim, perceber que não se está só é essencial. Nossa luta contra o fascismo e todas as formas de opressão é real. Posso afirmar ninguém se forma sozinho!

Às mulheres maravilhosas Aline Salles Pimenta, Silvia Diir, Talita Estevam Oliveira, Dona Josefa Francisco Gomes, nossa erveira que transmite diversos saberes populares e à professora pensadora do projeto Letícia Érica Golçalves Ribeiro, que me acolheram no projeto de extensão “Entre Ervas que curam e poesias que libertam vou reescrevendo minha história” do IFB. A rede de apoio, aprendizado e luta que

construímos é algo de muito significado para mim e fazer parte desse grupo nesse processo da minha vida, foi fundamental e de muito crescimento enquanto cidadã e mulher.

Aos professores e professoras do departamento de filosofia Alex Sandro Calheiros, Alexandre Costa-Leite, Ana Miriam Wuensch, André Leclerc, André Muniz Garcia, Cláudio Araujo Reis, Erick Calheiros, Gilberto Tedeia, Herivelto Pereira, Marcos Aurélio Fernandes, Priscila Rossinetti Ruffinoni, Rodrigo de Alvarenga Freire, Rogério Basali e Wanderson Flor Nascimento que foram as peças-chave na minha formação e me servem de inspiração. Em especial, ao meu orientador Márcio Gimenes de Paula por toda paciência e disponibilidade, pelas palavras de incentivo e leitura cuidadosa do meu texto. Às professoras que tive a oportunidade de conhecer graças ao caráter de aprendizado interdisciplinar da UnB, Valeska Zanello, Tatiana Lionço e Potira Hermuche, que foi minha orientadora no PIBIC sobre UPT Leste.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à ex-presidenta Dilma Rousseff, pelos projetos pioneiros de políticas públicas no país, que me possibilitaram ser a primeira da minha família a entrar em uma Universidade Pública. Minha gratidão por tentarem mudar o curso da história, dando a devida importância à educação, como a principal forma de mudança social.

Gostaria também, de externar minha gratidão a todos os funcionários da Universidade de Brasília, sejam eles servidores públicos, como o pessoal das secretarias, em especial ao Daniel Santos, técnicos em assuntos educacionais do departamento de filosofia que me ajudou muito durante toda a graduação com questões burocráticas, como também os funcionários terceirizados da limpeza e do RU, meus sinceros agradecimentos por transformar a UnB em nossa segunda casa. Espero que todos possam ter seus direitos assegurados e que possam ser melhor valorizados.

Por fim, a todos os meus parentes, tios, tias, primos, à Maria Beatriz que nos deu o maior presente e alegria dos nossos dias, nossa princesa Maria Joana, grata por me apoiarem e compreenderem meus sumiços em eventos de família.

*A todos*, meus mais sinceros agradecimentos.

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.  
Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.  
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas  
Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.  
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.  
Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.  
Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.  
(Elegia 1938, Drumond, 1938)*

## RESUMO

Este trabalho procurará encontrar e demonstrar formas de como a filosofia lidou com o suicídio. Na primeira parte, busca mostrar como a história do suicídio no ocidente se confunde com parte da história da filosofia, sendo possível perceber que, em dado momento, a filosofia afeta o modo como a sociedade lida com a questão do suicídio e, em outros momentos, é o modo como a sociedade lida com o suicídio que afetará filosofias do mesmo período. Contudo, não é o objetivo desse trabalho analisar quais abordagens foram mais adequadas, qual época errou no seu tratamento frente à questão, pois, como será abordado na segunda parte, em uma análise da obra de Camus, tendo consciência da história da humanidade, faz algum sentido usar juízos de valor? A análise de Camus sobre o suicídio nos mostrará que na verdade, o que sempre esteve presente no mundo, e sempre estará, é essa possibilidade do homem de se deparar com o absurdo e, se tratando de um sentimento frente à ruptura entre o homem, ela gera ações, mas, o suicídio não pode ser uma delas.

**Palavras-chave:** Filosofia. História. Suicídio. Absurdo. Albert Camus.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: ANÁLISE HISTÓRICO-FILOSÓFICA.....</b>	<b>11</b>
<b>A palavra Suicídio .....</b>	<b>11</b>
<b>Idade Antiga.....</b>	<b>13</b>
<b>Idade Média.....</b>	<b>19</b>
<b>Idade Moderna .....</b>	<b>23</b>
<b>Contemporaneidade.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO 2: O ABSURDO E O SUICÍDIO EM <i>O MITO DE SÍSIFO</i> .....</b>	<b>37</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>48</b>



## INTRODUÇÃO

A obra de Camus se apresenta por meio de personagens que buscam um mundo novo, valores novos, criados pela absurda experiência humana. Também há uma troca da vida com a obra. Ele escreve o que vive e pensa e as duas categorias intelectuais que marcam sua obra, o absurdo e a revolta, são resultados de experiências próprias do autor. “Ele escreveu uma obra imersa no real e no concreto”<sup>1</sup>.

Assim como Camus, a minha escolha por esse tema não se deu de forma aleatória, nem se deu desde o início da graduação, mas sim da experiência vivida nos últimos anos, dentro e fora da universidade. Essa descoberta com o absurdo pode gerar diversas consequências, que serão avaliadas no decorrer desse trabalho. No entanto, o que a realidade tem nos revelado é que não estamos conseguindo lidar de forma adequada e nem viver essa experiência absurda que é a vida humana e suas relações com outros seres humanos e com o meio, o que tem gerado consequências drásticas para todos.

No ano de 2018, especialmente no Brasil, passamos por situações complicadas que forçou o despertar para o absurdo. Foram diversos retrocessos em âmbitos de direitos já adquiridos, ameaças às instituições consolidadas, eleições que polarizaram as relações humanas e ameaça concreta à nossa frágil democracia. Nesse ano, também foi inegável o aumento de suicídios nas universidades brasileiras, em especial na Universidade de Brasília e no curso de Filosofia, o que fez com que um mal-estar social tomasse conta das relações nesses âmbitos.

Não é, no entanto, a intenção desse trabalho analisar melhor a situação e, muito menos, procurar respostas. O objetivo é buscar compreender como a filosofia lidou com o suicídio no decorrer da história e como um filósofo contemporâneo, que viveu um dos mais complexos e tenebrosos períodos da história da humanidade, analisou a questão do suicídio. Tendo, consciência, no entanto, que foi feito recorte de alguns filósofos que se debruçaram a falar sobre o assunto, tendo com norte a bibliografia de George Minois e Fernando Rey Puente, mas que existem outras tantas formas de abordagens e outros tantos filósofos que falam sobre o tema.

---

<sup>1</sup>Barretto, Vicente. Camus: vida e obra. S/d, p. 14

Na história, há retratos de como as sociedades, em diferentes épocas, mantiveram suas especificidades na forma como lidaram com o suicídio. O modo como o oriente tratou o ato de tirar a própria vida é bem diferente de como o ocidente foi tratando os casos no decorrer da história, bem como, o modo como os povos indígenas nas Américas tratavam ou tratam, tem características muito diferentes dos seus colonizadores. Contudo, como, infelizmente, sempre o que nos é mais acessível diz respeito à história ocidental, tanto sobre a análise feita do suicídio, como sobre a história da filosofia, vamos concentrar a investigação da história do suicídio sobre o prisma filosófico no Ocidente.

Esse não foi um tema linear, nem consensual durante a História da humanidade. Desde a antiguidade, houve pensamentos contrários ao que significaria o ato de tirar a própria vida. Porém, os textos disponíveis nos primeiros séculos da Idade Média foram os de Platão e Aristóteles, em que ambos tinham uma opinião contrária à morte voluntária, o que contribuiu para a visão da Igreja, que foi consolidando sua doutrina nesse período com Agostinho e Tomás de Aquino.

Não obstante, no final da Idade Média começou a tradução de textos de correntes filosóficas antigas que possuíam uma visão mais favorável, ou que pelo menos tiravam o caráter criminoso do ato. Isso permitiu um diálogo maior sobre o assunto, e foi um dos passos para a mudança no tratamento sobre o tema no âmbito jurídico e religioso. Na Idade Moderna e na Contemporaneidade, poucos filósofos se detiveram nesta temática, talvez porque pensassem que com os avanços cada vez maiores nos âmbitos científicos e tecnológicos, o problema do suicídio estaria resolvido, visto que ele sempre foi tratado como um problema social.

Assim, o trabalho aqui proposto será dividido em duas partes: a primeira trará uma análise histórico-filosófica, buscando abordar alguns dos filósofos que se disponibilizaram a falar sobre o assunto e algumas características de seus períodos; a segunda parte fará uma análise de como o filósofo contemporâneo Albert Camus abordou o tema em sua obra *O Mito de Sísifo*.

Entretanto, tendo consciência da divisão do livro em quatro capítulos: “Um raciocínio absurdo”, “O homem absurdo”, “A criação absurda” e “O Mito de Sísifo”, nos deteremos nos capítulos “Um raciocínio absurdo” e “O Mito de Sísifo” por melhor apontarem a ligação entre o absurdo e o suicídio, tendo consciência, no entanto, da

importância de todo o conjunto da obra para a construção da ideia de absurdo para Camus.

## CAPÍTULO 1: ANÁLISE HISTÓRICO-FILOSÓFICA

### A palavra Suicídio

Fernando Rey Puente explica em seu livro *Os filósofos e o suicídio* que a palavra suicídio é um termo que pode aparentar ter sua origem no Latim clássico, tendo, por conseguinte, sido criada ainda na Antiguidade. O que não é o caso, pois, ao analisar sua genealogia, percebe-se que “o vocábulo em questão jamais poderia ter existido no latim clássico, pois este não criava palavras utilizando-se de pronomes como prefixos, o que é o caso do termo *suicidium* formado a partir do pronome reflexivo *sui* (si) acrescido do verbo *caedere* (matar).”<sup>2</sup>

Contudo, não há, antes do século XVII, uma palavra para designar o ato de tirar a própria vida. A palavra “suicídio” surge com a necessidade de diferenciar esse ato do homicídio, mas, ainda, trazendo sua analogia semântica ao termo. Esse neologismo aparece pela primeira vez em uma obra do inglês Sir Thomas Browne chamada *Religiomedici* de 1643, onde ele distinguiu o suicídio cristão do pagão. Desde então o vocábulo foi muito utilizado, sendo incluído no *Dictionaire general* [Dicionário geral] por Edward Phillips em 1658, e, no século XVIII, o termo é difundido em diversas línguas.<sup>3</sup>

A analogia entre as palavras suicídio e homicídio não se restringe apenas na forma semântica, pois, ao refletirmos sobre o fato do termo ter sido implementado no francês de forma redundante “se suicidar”, percebemos a carga histórica que carrega esse novo vocábulo. Isso retoma a ideia de ser um crime que se, como será tratado mais à frente, cometia-se contra Deus, contra si mesmo e contra a sociedade. Se se investigar as origens das palavras, sem se acomodar apenas com a sua etimologia, mas também e, sobretudo, o porquê da sua construção (no que estava sendo embasada e etc), se chegará ao apontamento de que esse neologismo surgiu frente à concepção construída historicamente de que esse ato é equivalente ao homicídio. De todo modo, não foi

---

<sup>2</sup> Puente, Fernando Rey. *Os filósofos e o Suicídio*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 14.

<sup>3</sup> Minois, Georges. *A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo. Unesp, 2018, p. 124.

sempre assim, pois, as concepções antigas, tanto no mundo grego quanto na tradição judaica, não formalizam nenhuma condenação contundente sobre o assunto. Entretanto, no século IV houve um marco elaborado por Agostinho em *A cidade de Deus*, onde foi incluído ao quinto mandamento “não matarás!” o ato de tirar a própria vida, equivalendo a partir daí, portanto, as duas atitudes.<sup>4</sup> Transformou-se, portanto, o ato à um crime digno de condenação na terra e nos céus, que repercutiria nos séculos seguintes, com respingos desse pensamento ainda nos dias atuais.

---

<sup>4</sup>Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p.15

## Idade Antiga

No berço da filosofia ocidental há diversos exemplos, em obras de grandes filósofos e as mais diversas correntes que se dispuseram a falar sobre o assunto em questão, seja com opiniões contrárias ou favoráveis a morte voluntária. A primeira obra, que se tem notícia, na qual aparece diretamente a questão, com reflexões filosóficas, é o texto platônico *Fédon* no qual é narrado o diálogo de Sócrates com seus discípulos, após ter sido preso e condenado à morte. Sócrates, que mudou completamente o rumo da filosofia, com suas discussões direcionadas à ética e política, em um dado momento do diálogo, num desses instantes que marcariam a história do Ocidente, levantou a discussão sobre a morte e sobre a possibilidade ‘individual’ de por fim à própria vida. Para ele a filosofia tem como um dos seus deveres primordiais o ensinar a morrer, isso, porém, não significa que deva-se buscar a morte, mas enfrentá-la com sabedoria. O filósofo dizia, ainda, que apenas era permitido alguém tirar sua própria vida caso os deuses assim o quisessem e se, de alguma forma, manifestassem ser essa sua vontade, como parecia ser o caso do filósofo, segundo sua visão, naquele momento, pois, para ele, a vida do homem livre pertence aos deuses tal como as dos homens escravizados pertencem aos seus donos.

Aparentemente, continuou Sócrates, isso carece de lógica; mas o fato é que tem sua razão de ser. Aquilo dos mistérios, de que nós, homens, nos encontramos numa espécie de cárcere que nos é vedado abrir para escapar, afigura-me de peso e anda fácil de entender. Uma coisa, pelo menos, Cebete me parece bem enunciado: que os deuses são nossos guardiões, e nós, homens, propriedades deles.<sup>5</sup>

Contudo, há oposições quanto ao diálogo do *Fédon* ter sido realmente um texto contrário a morte de si, pois, existem diversos pontos discordantes, como, por exemplo, quando Sócrates diz que ninguém deve buscar a morte, mas, em seguida, diz que por ser um dom divino não deve ser temido e que tal atitude revelaria uma atitude filosófica, pois é “Nisto, por conseguinte, antes de mais nada, é que o filósofo se diferencia dos demais homens: no empenho de retirar quanto possível a alma na companhia do corpo.”<sup>6</sup> Outro ponto seria como ele expressa, com maravilhamento, a vida após a morte, a liberdade e o encontro com os deuses. Segundo Georges Minois em seu livro

---

<sup>5</sup> Platão. *Fédon* (A imortalidade da alma). Domínio público, s/d, p. 8

<sup>6</sup> Idem, p. 10.

*História do suicídio*, essas questões resultaram em prováveis mortes posteriores que teriam sido instigadas por esse texto, como é o caso do humanista Cleombrote, que se mata após ler o *Fédon* desejando ir viver em um mundo melhor e de Catão, que se acredita que tenha lido o texto platônico duas vezes antes de se matar<sup>7</sup>.

Ainda se tratando de Platão, dessa vez mais diretamente, onde no livro IX das *Leis*, Platão vai dispor algumas linhas para dizer em quais circunstâncias seriam aceitos, sem penalidades, que o cidadão tirasse a própria vida, fazendo ainda uma referência às ideias apresentadas por Sócrates no diálogo do *Fédon*. Os casos justificáveis seriam: 1) quando a *polis* o abrigasse a tal ato; 2) por infortúnio inevitável e extremamente doloroso; 3) em razão de uma vergonha incontrolável e que torne sua vida insuportável<sup>8</sup>.

Neste caso, o resto das malérias – referentes a regras a respeito de ritos de purificação e o sepultamento – entram no âmbito do conhecimento do deus, e em relação a isso o parente mais próximo do suicida terá que colher informações dos interpretes e das leis de referência a essas matérias e agir conforme suas instruções. Mas para os que forem assim destruídos os túmulos serão, em primeiro lugar, numa posição isolada sem sequer um outro túmulo adjacente, e em segundo lugar, deverão ser enterrados naqueles limites dos dozes distritos que são desérticos e inominados, sem qualquer menção, sem qualquer esteira nem nome que identifique seus túmulos.<sup>9</sup>

Já o argumento de Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, além de igualmente contrário à morte de si, é mais coeso que os de Sócrates e Platão. Para ele é totalmente condenável, pois tal ato é um crime primeiramente contra a sociedade, portanto, um crime contra a *pólis*. Para o filósofo tal ação não pode ser um ato de injustiça contra si mesmo, pois não se pode, ao se decidir por um ato, ser injustiçado pelo mesmo que se escolheu voluntariamente, além de dizer que quem se mata para fugir da pobreza, dos amores ou das dores, não deve ser visto como corajoso, mas sim como um covarde e que, provavelmente não estava sobre a posse total de suas faculdades mentais.

E quem, levado pela cólera, voluntariamente se apunhala, pratica esse ato contrariando a reta razão da vida, isso a lei não permite; portanto ele age injustamente. Mas para com quem? Certamente que para com o Estado, e não para consigo mesmo. Por que ele sofre

<sup>7</sup>Minois, Georges. *A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo. Unesp, 2018, p. 56.

<sup>8</sup> Idem, p 55.

<sup>9</sup> Platão. *As Leis*. Livro IX. Domínio Público, s/d, p. 319.

voluntariamente, e ninguém é voluntariamente tratado com injustiça. Por essa mesma razão, o Estado pune o suicida, infligindo-lhe uma certa perda de direitos civis, pois ele trata o Estado injustamente.<sup>10</sup>

Contudo, correntes posteriores a esses pensamentos, possuem uma característica de serem mais favoráveis a morte de si “Os cirenaicos, os cínicos, os epicuristas e os estoicos reconhecem, todos, o valor supremo do individualismo, cuja liberdade reside na capacidade de decidir ele mesmo a respeito de sua vida e de sua morte.”<sup>11</sup> Como veremos, tais correntes, apesar de terem diferenças pontuais, se encontram no que diz respeito a vida ser preservada apenas em situações onde se pode viver bem.

O hedonismo, a primeira corrente que tratará o assunto de maneira diferente, pode ser dividido em dois momentos: um primeiro momento iniciado por Áristipo de Cirene, também conhecidos como cirenaicos, e o segundo momento, este mais conhecido, o hedonismo de Epicuro ou epicurista.

O primeiro momento é marcado por um individualismo pessimista, na qual um dos nomes que se destaca é Egésia, conhecido como *peisithánatos* (“o que persuade a morrer”), apesar de ter poucas menções nas grandes obras da corrente, o pouco que se sabe é o que Cícero escreveu em sua obra *Disputações Tusculanas* onde aponta que Egésia orientava seus alunos o desprezo pela vida e sua oratória era tão convincente que se acredita que, em consequência desses ensinamentos, muitos se mataram.<sup>12</sup> “Parece, portanto, que Egésia fazia uma apologia da morte livre e que julgava preferível evadir-se da vida em qualquer circunstância do que continuar vivendo, uma posição filosófica, portanto, realmente única na Antiguidade.”<sup>13</sup>

Já o hedonismo de Epicuro retorna à doutrina que lembra o que Sócrates falava, no diálogo do *Fédon* sobre o dever da filosofia em ensinar a estar na vida se aprendendo a morrer, acreditando que o sábio era aquele que não rejeitava a vida e nem temia a morte, contrariando o modo de vida comumente vista na época, onde as pessoas viviam temendo a morte, vendo-a como o maior dos males, ou a escolhendo de forma impensada. Já para Epicuro a escolha pela morte de si tem que ser tomada quando a

---

<sup>10</sup> Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. São Paulo. Nova Cultura, 1991, p. 119

<sup>11</sup> Id. Minois, George, p. 53

<sup>12</sup> Puente, Fernando Rey. *Os filósofos e o Suicídio*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p.21

<sup>13</sup> Idem.

vida se torna insuportável, consequência de uma dor extrema e sem cura, depois de muita reflexão, sem ser um ato de mero desespero.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.<sup>14</sup>

Já os estoicos continuam com essa mesma linha de pensamento e posição dos hedonistas, ou seja, também reconheciam a morte de si como uma saída justificável e sábia, desde que fosse por conta da pátria, dos amigos ou por estar submetido a uma dor aguda ou enfermidade sem cura, tais princípios foram elencados por Diógenes Laércio em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Uma diferença que pode ser percebida no âmbito ético é que, para os estoicos, vida e morte não se classificam como virtude ou mazela, ambos se encontram na ordem dos indiferentes, isso desemboca na crença das correntes que afirmam que viver ou morrer não pode ser visto como situações boas ou más. “O termo *eulógos exagogé* (“saída racional”) para designar o ato de matar-se é de autoria estoica e já indica o modo como esse ato, para eles pode ser justificadamente levado a cabo, isto é, racionalmente.”<sup>15</sup>

Outros dois grandes pensadores da corrente filosófica estoica, que deram mais ênfase ao assunto em questão foram Sêneca<sup>16</sup> e Cícero. Sêneca o mais conhecido, destinou parte de suas obras demonstrando grande interesse pela ação de tirar a própria vida, porém Cícero, que antecipou Sêneca, fez importantes reflexões sobre o tema. Para Cícero é através dos indiferentes, ou seja, da vida e da morte, que nossos deveres procedem e são encargos tanto dos sábios quanto dos tolos, havendo uma diferença que o ignorante, vive de forma irracional e por isso é sempre infeliz. Cícero faz ainda referência à crença platônica, introduzida no *Fédon*, sobre a morte de si ser justificada se for a vontade dos deuses manifestada, contudo, para os estoicos essa vontade é interiorizada já que existe “deus em nós”, logo, se essa decisão fosse tomada de forma consciente e racional, seria deus coagindo a tal ato.

<sup>14</sup>Epicuro. Carta sobre a felicidade (a Menecceu). 2ª Ed. São Paulo. Editora Unesp, 2002, p. 14

<sup>15</sup> Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 23.

<sup>16</sup> Sêneca foi obrigado a cometer suicídio, por acusações de ações contra Nero, seu discípulo.



Logo, a ideia de manter-se ou não na vida deve ser escrupulosamente analisada, pois às vezes o sábio, mesmo feliz, deve abandonar a vida, e o néscio, mesmo se infeliz, deverá continuar vivendo. Viver de acordo com a natureza ou com a razão (o que é o mesmo para os estoicos), tal é a meta do sábio estoico. O dever dele é, em suma, deixar a vida sabiamente<sup>17</sup>.

Já Sêneca foi um pensador da antiguidade romana que chama a atenção por conferir maior espaço para a reflexão da morte de si em suas obras, tanto em passagens quanto em cartas. É perceptível que sua posição frente à morte voluntária tenha enorme herança do pensamento estoico, pois ele explica cada uma das causas consideradas justificáveis pelos estoicos, além de acrescentar outra causa justificável que é a de matar-se a fim de preservar a própria dignidade, um exemplo que ele dá é de pessoas que correm o risco ou estão sendo escravizadas. O pensador afirma tais argumentos tendo como base os sentidos de liberdade que ele crê existir, sendo três: a liberdade das vicissitudes; liberdade de agir para preservar a própria dignidade e liberdade de qualquer medo, sobretudo o medo da morte. Contudo, essa liberdade das vicissitudes não significa, para o filósofo, que seja justificável que uma pessoa, para fugir da dor busque a própria morte, pois, isso seria visto como covardia, sendo justificável apenas na possibilidade dessa vicissitude lhe tirar o uso correto da razão.

Queres ser desprezado em relação a esse corpo? Habita-o tal qual alguém que está prestes a se mudar. Tem consciência clara que um dia deverá abster-te desse convívio: estarás mais forte para quando chegar o momento de abandoná-lo. Mas de que maneira o próprio fim virá à mente daqueles que cobiçam todas as coisas sem fim? A reflexão sobre nenhum outro assunto é tão necessária quanto essa talvez, as demais discussões sejam realizadas em vão. Se se preparou o espírito para a pobreza, persistiu a riqueza; se nós no armamos para o combate à dor, a felicidade de nosso corpo intacto e em perfeito estado nunca exigiu colocar à prova essa virtude<sup>18</sup>.

Ainda na antiguidade romana, podemos perceber algumas características que são sobre como a sociedade da época lidava com a questão da morte de si naquele período,

---

<sup>17</sup>Idem.

<sup>18</sup> Sêneca, Lúcio Aneu. Epístolas a Lucílio. Tradução: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet. Os Filósofos e o suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p.71

sendo considerada, à época, a civilização mais favorável ao suicídio. Acredita-se que o acesso que a elite tinha ao pensamento dos estoicos bem como a admiração por mortes célebres de diversos personagens aclamados, contribuía para essa realidade. Contudo, não houve uma posição unânime sobre o assunto, podendo ter posicionamentos contrários a depender de fatores tais como classe social, esfera sociopolíticas, épocas, influências religiosas, etc.

Entretanto, tanto na Grécia como em Roma, havia formas bem parecidas de tratamento no que diz respeito ao direito, podendo ser igualmente contraditório, como vai apontar Minois que, cidades como Atenas, Esparta e Tebas previam punições contra o corpo dos suicidas, já em outras não havia qualquer tipo de punição.

Suicídios patrióticos, de Meneceu, Temístocles, Isócrates e Demóstenes; suicídio por remorso, de Aristodemo; suicídio pela honra, de Cleomenes; suicídio por fidelidade a uma ideia religiosa, de Pitágoras; suicídio para escapar da decrepitude da velhice, de Demócrito e Espeusipo; suicídio por amor, de Panteia, Herou e Safo; suicídio em defesa da castidade, de Hippo; suicídio cívico, de Charondas; suicídios filosóficos por desprezo a vida, de Zenão, Cleanto, Hegésia, Diógenes e Epicuro. A morte de Sócrates é mais discutível, mas, apesar de tudo, pode ser comparada a um suicídio, em razão das respostas provocadoras que ele dá durante seu processo e da recusa em fugir.<sup>19</sup>

Já em Roma, como a lei das doze tábuas não orienta diretamente sobre o tema, as medidas tomadas eram baseadas em crenças e costumes populares. Por certo receio e crença ao que levou o indivíduo a tal ato poder ser de origem sobrenatural, é sabido que em diversas localidades e/ou em épocas diferentes a depender do reinado, os cadáveres sofriam algum tipo de retaliação, não por uma questão legal, mas, pelo medo às crenças construídas culturalmente.

No entanto, existem duas categorias sociais em Roma para as quais o suicídio é proibido, por motivos óbvios de interesse econômico e patriótico: os escravos e os soldados. No primeiro caso, o suicídio é considerado um atentado contra a propriedade privada, e esse aspecto será essencial na servidão medieval; no

---

<sup>19</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 53.

segundo, o exército prevê punições para aqueles que tentam se suicidar e sobrevivem.<sup>20</sup>

## Idade Média

É impossível falar sobre suicídio no período que vai dos séculos V ao XV, sem citar um autor que guiará os debates, ações e pensamentos nesse período. A Idade Média será guiada em boa parte sob influência da doutrina cristã, especificamente a da Igreja católica, iniciada com o pensamento de um teórico que ficou conhecido com um dos grandes nomes da época tanto para a filosofia quanto para a teologia e, em especial, para o catolicismo. Trata-se do filósofo, teólogo e, para os católicos, santo, Agostinho. Apesar de ter vivido no que é considerado ainda Idade Antiga, Santo Agostinho é conhecido como um dos principais filósofos e doutores da igreja do medievo e é, também, nesse período que seu discurso afetará as ordens sociais. No âmbito religioso sua tese é a argumentação, ainda hoje, para crenças que foram fortes durante o período medieval e base para ações governamentais.

Em sua obra intitulada *A cidade de Deus*, Agostinho, sobre o tema da morte voluntária, faz um compilado do que já estava sendo manifestado pelos primeiros padres. Os principais aspectos que guiaram a discussão foram: 1- Seria legítimo ou não tirar a própria vida? 2- caso não fosse, qual seria a base bíblica que sustentaria? e 3- Em caso da preservação da virgindade, seria lícito? Rey Puente explica que era preciso resolver tais questões e achar respostas fundamentadas no livro sagrado, porque não se encontrava principalmente no Novo Testamento, uma passagem que deixasse claro a condenação do ato e, quando há algo relatado, é feito sem julgamentos.

Em geral, os autores da Patrística demonstram alguns equívocos provenientes de certa interpretação errônea da mensagem cristã que alguns de seus mais ilustres representantes refletirão mais diretamente sobre esse tema, mas nenhuma dessas discussões se compara em amplitude e capacidade argumentativa à controvérsia levada a cabo por Agostinho<sup>21</sup>.

É nesse momento que pela primeira vez surge à aproximação do homicídio ao ato de tirar a própria vida, uma possível explicação histórica que construiu o imaginário

---

<sup>20</sup>Idem, p. 58.

<sup>21</sup> Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p.27.

coletivo, culminando na criação da palavra ‘suicídio’, séculos depois, como foi apontada no tópico introdutório *A palavra suicídio* deste trabalho. Pois, Agostinho vai aos 10 mandamentos buscar uma base que sustentasse sua posição frente ao ato, e é a partir do quinto mandamento, ‘Não matarás!’ que o filósofo introduz outros atos, como o não matar a si próprio e o não cometer aborto<sup>22</sup>, fazendo, assim, uma nova interpretação, que mesmo não estando explicitada na Bíblia, ele julga ser uma perspectiva legítima.

Por justa disposição do Criador, a sua vida e a sua morte estão ao nosso serviço. Só nos resta concluir que temos de aplicar apenas ao homem as palavras *não matarás*- nem a outro nem a ti próprio matarás pois quem a si próprio se mata, mata um homem.<sup>23</sup>

Agostinho resolve os três pontos críticos principais para a igreja da época no que diz respeito ao ato de tirar a própria vida. Logo, não seria legítimo tirar sua vida e se matar e sua base bíblica foi o quinto mandamento da lei judaico-cristã. Como apontado acima, no caso de preservação da virgindade, também não seria permitido, pois o ato de tirar a própria vida se conjugaria como crime maior e, também, uma pessoa só está sob o jugo do pecado, caso tenha desejado aquele pecado, por isso que em casos de estupro, por exemplo, a pessoa que sofreu tal ato não é condenada pelo sexto mandamento, “Não pecar contra a castidade.”, apenas o estuprador, que ainda tem a oportunidade de se arrepender contritamente. No entanto, no que diz respeito aos casos célebres retratados na Bíblia, como o de Sansão, ou de virgens que se mataram para preservar a castidade, elogiadas por Ambrósio e Jerônimo, Agostinho tem uma argumentação bem neoplatônica, onde, ou foi em nome da justiça ou “por ordem expressa de Deus”, em todo caso houve manifestação divina favorável a tais atos. Contudo, em casos externos à Igreja, tal como de Lucrecia e Catão, o filósofo condena tais atos, pois fica evidente, para ele, a desobediência aos desígnios de Deus. “Para o bispo de Hipona, nenhuma razão justifica a morte de si: nem o desejo de evitar as vicissitudes da vida nem o desejo de evitar a ação pecaminosa de outrem, nem a culpa pelos erros passados, nem a

---

<sup>22</sup>É a partir desse momento também que o aborto é condenado pela igreja e pelo estado como um crime horrendo. Foi introduzida uma crença, hoje já bem enraizada, de como o aborto pode ser um dos piores crimes cometidos por um ser humano contra outro ser humano, pois, além de matar, se trata de um ser indefeso. Um adendo importante, é que após essa obra, *A cidade de Deus*, que o aborto o passou a ser condenado pela igreja e a mulher que o realizasse, caso se arrependesse, só poderia se confessar com um bispo, não se arrependendo era excomungada. Apenas em 2016, com o Papa Francisco, isso foi mudado e passou a ser um pecado absolvido por todos os padres.

<sup>23</sup> Santo Agostinho. *A Cidade de Deus*. Lisboa. 2ª Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 1. s/d, p 158.

esperança da vida eterna ou a vontade de evitar o pecado.”<sup>24</sup>, percebe-se a clara refutação, mesmo que indiretamente, às correntes filosóficas da antiguidade que se manifestaram a favor da morte de si em diversas situações, o que passa a ser todas condenadas.

É em Tomás de Aquino que, pela primeira vez, há uma volta aos gregos, de forma a explicitar diretamente em sua obra, complementando seus argumentos também contrários à morte de si. Igualmente santo e doutor da Igreja Católica, Tomás em sua *Suma Teológica* retorna a Platão, Aristóteles e a Agostinho, para buscar de forma mais filosófica dar uma resposta quanto à questão, introduzindo, além do pecado contra a vida dada por Deus, que deve ser preservada em qualquer circunstância, também a ideia de pecado contra a cidade, que lembra bastante o argumento<sup>25</sup> dado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*. Ele vai, primeiramente, pontuar questões que podem parecer favoráveis<sup>26</sup> para logo após confrontá-las. “Pois, o homicídio é pecado, por contrariar a justiça. Ora, ninguém pode fazer justiça a si mesmo, como o prova Aristóteles. Logo, ninguém peca matando-se a si mesmo”<sup>27</sup>. Tomás chega à conclusão que tirar a própria vida é ilícito por três razões: 1- Ir contra a lei natural, que é de preservação, por isso, é faltar com amor próprio e com a caridade aos outros que lutam para preservá-la; 2- “qualquer parte, pelo o que é, pertence ao todo”, (ele diz a respeito da comunidade, mas talvez pudesse ser entendido também como parte da criação), logo, matando-se comete injustiça contra a sociedade; e 3- a vida é dom de Deus, ao eliminá-la estaremos pecando contra Deus. (nesse momento Aquino faz uma comparação de Deus senhor da vida de todos os homens aos donos de escravo, que poderia ser uma retomada a Platão). Na questão de matar-se para preservar a castidade, Aquino responde da seguinte forma:

Pois, é certo que a fornicção ou o adultério é menor pecado que o homicídio, e sobretudo o de si mesmo, que é gravíssimo, por danificar a nossa própria pessoa, a que devemos o máximo amor. E também é periculosíssimo, porque não resta tempo para o expiarmos pela penitência. – Semelhante ainda, a ninguém é lícito matar-se a si mesmo pelo medo de consentir no pecado<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup>Puente ,Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 29

<sup>25</sup> Idem, p. 30

<sup>26</sup> Essa característica se dá por conta do método escolástico que os autores desse período utilizavam.

<sup>27</sup>Aquino, Tomás. Suma Teológica. Domínio Público, s/d, p. 2149.

<sup>28</sup> Idem, p.2150

George Minois vai apontar a grande dificuldade que se tem de dados sobre mortes voluntárias no período, por conta da adulteração no laudo, para que nem o cadáver e nem a família sofressem consequências. “É impossível estabelecermos algum dia um índice de suicídios medieval, que permite fazer comparações com outras épocas.”<sup>29</sup>. Entretanto, através de diários e memórias que foram guardadas por burgueses e clero, pode-se fazer uma pequena análise:

...o suicídio é praticado em todas as categorias sociais e pelos dois sexos. A morte voluntária é considerada consequência de uma tentação diabólica por meio do desespero, ou como um comportamento trespouco; o gesto, condenado como assassinato, é brutalmente reprimido no cadáver, e seguido de confisco de bens. Às vezes, porém, os juizes se mostram indulgentes, levando em conta as circunstâncias e a situação familiar. A justiça civil e a eclesiástica colaboram na repressão. Quanto aos motivos do suicídio, eles são variados: miséria, doença, sofrimento físico, medo da punição, honra, recusa da humilhação, amor, ciúme<sup>30</sup>.

As punições ao corpo que antes eram por questões muito mais ligadas às crenças se transformaram em uma ferramenta do Estado, alicerçada pela doutrina cristã, para se tornarem forma de controle social. Acreditava-se que ao punir o corpo em praça pública ou deixá-lo exposto para se decompor em um espaço de visibilidade, seria uma forma de amedrontar e deixar de sobreaviso aos demais cidadãos.

O final do período medieval, conhecido como Idade Média Clássica, que vai do século XI ao século XIV, o discurso sobre a morte de si não sofre grandes mudanças, a não ser no século XIII, onde houve um pequeno debate sobre o assunto, no qual alguns doutores da igreja, tais como Tomás de Aquino e Alexandre de Halès, tratam o problema seguindo o método escolástico, com argumentos favoráveis e contrários. Contudo, há de se compreender que a consolidação da estrutura construída vias jurídicas, canônicas, teológicas e moralistas<sup>31</sup>, foi muito aderida, transformando o suicídio em um ‘crime’ degradante, explicando assim, a enorme dificuldade que tiveram os pensadores renascentistas para questionar essa estrutura com leituras e pontos de vistas contrários à norma. Prova disso foi, ao ver a perda de espaços de poder, a Igreja

---

<sup>29</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 10

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem, p.37

lançou ainda em 1563 no seu catecismo, a condenação do suicídio em todas as circunstâncias.

### **Idade Moderna**

A Idade Moderna é caracterizada por grandes mudanças, em todos os âmbitos. O discurso científico ganha uma emancipação das ideologias religiosas e vai atrás de respostas para entender melhor o funcionamento do mundo e do ser humano e há a instauração de um novo sistema econômico e ideológico, completamente diferente a todos outros já existentes, o capitalismo. No início desse período os pensadores do Renascimento ainda encontram dificuldades para ultrapassar certas formas de concepção que foram aderidas pela sociedade em consequência dos longos séculos de uma homogeneidade do pensamento, como vimos anteriormente, principalmente no que diz respeito à morte de si.

Não obstante, se no início da Idade Média houve um retorno aos textos de filósofos gregos para fundamentar o discurso normativo contrário a morte de si, também foi com uma volta a esse mesmo período antigo que os autores, como Montaigne, trazem a tona obras de correntes e pensadores antigos com um discurso mais ‘favorável’ a morte de si, tais como Sêneca e Plínio. Não com objetivo de fazer uma apologia ao ato de matar-se, mas sim tirá-lo de um âmbito universal e pecaminoso para um mais subjetivo.

Os humanistas voltam suas percepções acerca do tema, pois no século XVI e XVII começaram a ser mais traduzidas (e mais facilmente disseminadas, graças a criação da imprensa) obras de diversos pensadores da Grécia antiga. Há novamente uma admiração pela escolha da morte. O Renascimento traz à humanidade uma esperança de alcançar a maturidade intelectual, a possibilidade de encontrar respostas para perguntas, antes inquestionáveis. Isso tem como resultado um número de suicídios com causas que se diferem do medievo, isto é, deixa de ser uma fuga diante da angústia causada pela miséria, difamação e violência, e agora, somadas à essas questões, ela se dá também pela angustia diante da impossibilidade de alcançar certas respostas.

Os discursos religiosos, que agora se dividem entre catolicismo e protestantismo, continuam buscando argumentos dentro de suas doutrinas para se posicionarem contra o

ato de tirar a própria vida. A igreja católica fortaleceu, no início do período, que a principal causa para a escolha da morte de si seria o desespero, argumentando que, como o desespero é um pecado que pode ser transformado em um dos mais graves, ao passo que faz com que a pessoa esqueça-se da misericórdia de Deus (que absolve todos os pecados mediante a confissão) e se ache indigno de voltar a se relacionar com o criador. Já o protestantismo acredita que o indivíduo é uma vítima do demônio, não como acreditava a igreja católica, que era através do pecado, mas sim, por uma forma de possessão. “A mais de um ele quebra o pescoço ou faz que perca a razão; alguns ele afoga na água, e numerosos são aqueles que ele impele ao suicídio e a muitas outras desgraças abomináveis.”<sup>32</sup>. Portanto, o indivíduo que se matava na verdade era uma vítima de Satanás.

Algumas características aparecem e podem ser distinguidos os suicídios modernos dos medievais, como por exemplo, a patologização desse indivíduo que comete, ou quer cometer, tal ato. Essa patologia vem sobre diversos nomes no decorrer do período: loucura, melancolia, angústia etc. Cada uma com uma teorização por detrás.

A loucura, hora é vista como a causadora da morte, isto é, para se matar a pessoa só pode estar louca, como acredita, por exemplo, Sébastien Brant, ou é vista como saída para continuar vivo diante dos tormentos da vida, ou seja, só se pode optar pela vida, mesmo diante de tantas mazelas, quem já está louco, como crê Erasmo de Rotterdam. Para esse último, os grandes nomes da antiguidade só tomaram a decisão de se matar porque eram sábios e souberam dosar a vida e a morte.

Quais foram os mais célebres desgostos da existência que procuraram espontaneamente a morte? Não foram, por acaso, os amigos mais chegados da sabedoria? Para não citarmos Diógenes, Xenócrates, Catão, Cássio, Bruto, lembro somente o famoso Quirão, que deu preferência à morte em lugar da imortalidade. Já percebo que logo entendereis que o mundo duraria pouco, se a sabedoria fosse comum aos mortais. Sou até de opinião que, em pouco tempo, haveria necessidade de nova argila e um novo Prometeu.<sup>33</sup>

Para se entender outra característica dessa época é necessário buscar compreender a nova ordem econômica que estava ganhando espaço na ocasião e se

---

<sup>32</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 87

<sup>33</sup> Rotterdam, Erasmo. Elogio da loucura. São Paulo: Editora Rideel, 2003, p.32.



expandindo, e como que ela dá outra causa ao suicídio. A ascensão do capitalismo já é marcada pelo que se configuraria sua essência, a individualização, em nome de uma liberdade. Essa se dá em todos os âmbitos: econômico e religioso e cria uma nova visão de status social. Os intelectuais se fecham em suas bibliotecas e refletem sobre a vida, a sós, os religiosos acreditam que podem chegar a Deus sozinhos, os burgueses passam a buscar um lucro individual e uma competitividade é acentuada.

No renascimento, o homem de negócios rompe os laços corporativos, o nobre rural se isola em razão dos cercamentos, as práticas comunitárias declinam, a influência protestante individualiza a reflexão religiosa enfraquece as estruturas horizontais em proveito das estruturas verticais, que ligam cada um diretamente a Deus, através da interpretação pessoal das Escrituras<sup>34</sup>.

Todas essas mudanças repentinas de hábitos sociais se somam a todos os questionamentos que o Renascimento vem trazer, que abala todas as estruturas tidas como consolidadas. Todos os valores e crenças são questionados e as incertezas são inúmeras. As descobertas científicas colocam em xeque as verdades religiosas nas quais as pessoas se agarravam para sobreviver, se ela está sendo relativizada, aonde vão se sustentar? Soma-se a essa questão, o constante distanciamento social e a prevalência do individualismo, da solidão. Como Durkheim viria a dizer tempos depois que a “frequência de suicídios é inversamente proporcional ao grau de interação social”<sup>35</sup>

Em 1600 surge, em uma das peças literárias mais famosas mundialmente, uma das perguntas que ressoa até os dias atuais, com capacidade de trazer profundas reflexões existenciais. No monólogo de *Hamlet*, Shakespeare inicia com a indagação que demonstra e expressa, com exatidão, a fase de crise de pensamento que a Europa e, em especial, a Inglaterra estava submersa. “Ser ou não ser- eis a questão.” Aparece um cenário de forte resistência inglesa aos questionamentos contra as práticas de punição aos corpos e fortalecimento da satanização do indivíduo, com o aumento do protestantismo.

---

<sup>34</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p.99

<sup>35</sup> Idem, p.98

Aqui entra uma questão fundamental: a questão de *Hamlet* “Ser ou não ser- eis a questão” pode ser entendida como uma pergunta essencial para todos os indivíduos que em algum momento da história, e por questões diversas (que podem estar relacionadas ao período em que se viveu), se fizeram ao se deparar frente ao ato de tirar a própria vida. Não exatamente, como bem pontuou Shakespeare, mas tal decisão é tomada frente a escolha entre o viver (ser) ou morrer (não ser), que pode ser a única que a pessoa enxerga. Não obstante, tal questionamento não deve ser visto como possível de ser feito apenas pelo grupo de pessoas que, em algum momento da vida, possam se deparar com tal circunstância, mas sim, dá a qualquer ser humano, a oportunidade de refletir sobre sua própria existência. Como será melhor pontuado mais à frente.

Essa realidade, no entanto, tem como uma das consequências, certa curiosidade por parte dos cidadãos sobre o assunto, que passam a frequentar os teatros para ver peças que abordam o tema do suicídio que, como Minois<sup>36</sup> vai apontar, se transformam em fenômeno social, onde em 40 anos, de 1580 a 1620, cerca de duzentos suicídios são encenados. Pode-se encontrar esse fenômeno também nos textos que passam a questionar as proibições tradicionais.

Um dos nomes mais importantes nesse período é Montaigne, e pode-se perceber maior atenção sobre o tema em suas obras, principalmente nos *Ensaio*s, onde ele vai reservar um capítulo para abordar a problemática “Costume da ilha de Céu”. Sua metodologia busca, primeiramente, contrapor com argumentos a favor (escritores latinos e Sêneca) e contra a morte de si (Platão, Agostinho, Epicuro), para então citar diversos exemplos<sup>37</sup>. Montaigne não escreve para fazer uma alusão à morte voluntária, mas sim mostrar como ela se dá em circunstâncias específicas, tais como uma doença dolorosa e sem cura ou como a certeza de uma morte terrível, ou seja, tentando compreender as circunstâncias, tirando assim o peso do pecado imperdoável.

O recurso a uma plêiade de exemplos pode ser entendido como um reconhecimento por parte de Montaigne de que esse tema não pode ser abordado como um assunto de moral abstrata sobre a qual poderíamos emitir juízos universais, mas antes deveria ser analisado como um assunto de moral em situação, ou seja, para cada caso isolado deveríamos nos perguntar se a morte livre

---

<sup>36</sup> Idem, p. 107

<sup>37</sup> Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 32

seria ou não uma saída legítima de uma situação particularmente difícil<sup>38</sup>.

Montaigne, em seus textos, fica perceptivo à herança de Sêneca e, ora elogia o ato de tirar a própria vida “A morte mais voluntária é a mais bela. A vida depende da vontade de outrem, a morte da nossa.”<sup>39</sup>, ora faz uma análise sistemática, procurando compreender os argumentos utilizados até aquele momento, tanto filosóficos, religiosos, morais e sociais. Todavia, ‘sua resposta final’ é a de que não será possível chegar a um desfecho do que venha a ser a causa principal do suicídio, mas que todo indivíduo é lavado por conflitos externos e/ou internos, cujas dimensões de dores e sofrimentos não podem ser analisados por terceiros.

É curioso ressaltar que, apesar de ter havido uma movimentação maior na discussão sobre o suicídio nos primeiros períodos da Idade Moderna, com o Renascimento e a volta aos textos dos antigos, o debate foi sendo amenizado no decorrer dos anos, ao passo que no Iluminismo pouco se debruçam sobre o assunto. Filósofos como Hume e Rousseau se dispuseram a falar sobre a questão, mas sem grandes avanços, se é que se pode haver algum.

Hume, em 1770 na França e em 1777 na Inglaterra, tem seu tratado, denominado *Essayson suicide (Do suicídio)*, publicado postumamente, na qual se pode perceber uma resposta ao que Tomás de Aquino revela ser argumentos suficientes para a não realização da ação de tirar a própria vida. Tal ensaio é dividido em três partes: 1) O suicídio não é uma afronta a Deus; 2) O suicídio não é prejudicial à sociedade, e 3) O suicídio não é uma afronta a si mesmo<sup>40</sup>. É perceptível sua crítica à Aquino, visto ter sido justamente as três justificativas dada por ele: o suicídio é um atentado contra Deus, contra a sociedade e contra si mesmo.

Contra Deus, não seria um atentado para Hume, porque Deus teria nos dado liberdade para alterarmos a ordem da natureza e é o que estamos a fazer a todo o momento. Animas e seres humanos, pelos dons dados por Deus, modificam a ordem das coisas, interferindo na natureza e na relação entre esses seres, mas sem que essa

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem, p. 85.

<sup>40</sup> Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p.312

interferência na ordem ocasione uma desordem, pois a cada ação das criaturas é, em alguma medida, uma extensão do Criador. Isto posto, uma vida que se abrevia não pode estar indo contra Deus e não resultará no caos, pois o restante da criação continua seu progresso.

Assim como, por um lado, os elementos e outras partes inanimadas da criação prosseguem em sua ação sem referência ao interesse particular e à situação dos homens, também os homens são confiados ao seu próprio juízo e discrição nos vários choques da matéria e podem empregar todas as faculdades de que são dotados, a fim de prover seu conforto, bem-estar, felicidade ou preservação.<sup>41</sup>

Também não poderá ser um prejuízo à sociedade, pois para Hume, tem de haver reciprocidade: ‘eu colaboro com a sociedade e ela me retribui’. Portanto, se uma pessoa decide por se matar, para o autor, o que acontece é apenas que essa pessoa deixou de colaborar com a sociedade. Ele diz, ainda que, caso esse indivíduo se torne um fardo, impossibilitando outrem de exercer melhor essa colaboração, seria “louvável” tal ação. Todavia, Hume pontua que em boa parte dos casos, se percebe um sentimento de desamparo e abandono, logo, não poderia ser prejudicial à sociedade, pois não há reciprocidade.

Já no que diz respeito a última parte, sobre ser um atentado contra si próprio, Hume vai argumentar que ninguém toma tal atitude quando vê outra forma de melhor agir e que sobre a referência que se fez ao quinto mandamento, ela é apenas construção histórica, não havendo nenhuma referência nas escrituras<sup>42</sup>.

Que o suicídio possa com frequência ser consistente com o nosso interesse e dever para conosco, ninguém pode questionar, se admite que idade, doença ou infortúnio possam tornar a vida um fardo e torna-la pior até mesmo do que a aniquilação. Creio que nenhum homem jamais jogou fora sua vida enquanto valia a pena mantê-la. Pois tal é o nosso horror natural à morte, que motivos menores jamais serão capazes de nos conciliar com ela<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Hume, David. Do suicídio e outros textos póstumos. 2ª Ed. Florianópolis: Edições Nefelibata, 2004, p. 17.

<sup>42</sup> Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 314

<sup>43</sup> Hume, David. Do suicídio e outros textos póstumos. 2ª Ed. Florianópolis: Edições Nefelibata, 2004, p. 24.

Já Rousseau aborda a questão de forma diferente, para ele que vivencia o advento do Romantismo, sua escrita se caracteriza por um método, já retomado por Montaigne, da escolástica, onde há a contraposição dos dois lados, a favor e contra o suicídio, regressando, igualmente, aos textos da antiguidade e do cristianismo<sup>44</sup>. Em sua obra *La Nouvelle Héloïse (A Nova Heloísa)* de 1761, na qual, em forma de correspondências, ele, primeiramente, elenca posicionamentos favoráveis ao ato de matar-se, na qual o jovem Saint-Preux se diz certo de tal atitude a que chegou de forma racional, diante de um sofrimento profundo por amor:

Sim, Milorde, é verdade; minha alma está oprimida pelo peso da vida. Desde muito tempo, ela me desgosta; perdi tudo o que podia fazê-la feliz, só me restam os aborrecimentos. Mas disseram-me que não é permitido dispor dela sem a ordem que me concedeu... Quanto mais reflito sobre ele, mais penso que a questão se reduz a esta proposição fundamental: procurar o próprio bem e fugir do próprio mal naquilo que não ofenda o outro, este é o direito da natureza. Quando nossa vida é um mal para nós e não é um bem para ninguém, é então permitido dela se livrar<sup>45</sup>.

A resposta recebida é a segunda parte do texto, com argumentos contrários à morte de si, o milorde Eduard o replica:

Você se entedia em viver e diz: “a vida é um mal”. Cedo ou tarde, você será consolado e dirá: “a vida é um bem”. Você dirá algo mais verdadeiro sem melhor raciocinar, pois nada além de você terá mudado. Mude então desde hoje e já que é na má disposição de sua alma que está todo mal, corrija suas afeições desregradas e não queime sua casa para não ter o trabalho de arrumá-la<sup>46</sup>.

Fica perceptível em seu romance uma abordagem que passa a ter um caráter central nesse período: o sentimento. Para Rousseau, ninguém se mata por puro sentimento sem ter reservado tempos de reflexão sobre a atitude a ser tomada, bem como, ninguém se mata por pura motivação racional, apenas uma máquina, que não possui sentimentos seria capaz de tal ato. Para ele, apenas seria permitido o suicídio em

---

<sup>44</sup> Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 35

<sup>45</sup> Rousseau, Jean-Jacques. A nova Heloísa. Tradução: Leonardo Meirelles Ribeiro. Fernando Rey Puente. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 126

<sup>46</sup> Idem, p. 149

casos de problemas graves de saúde. Mas, fica claro que não é a opinião do autor ser a favor da morte, ele a ter abordado de forma argumentativa, apenas utilizou um método para explicitar as duas posições que se construíram historicamente. Tanto é que ele finaliza o diálogo com o argumento contrário:

Escute-me, jovem insensato. Você me é caro. Tenho pena de seus erros. Se resta no fundo do seu coração o menor sentimento de virtude, venha, eu lhe ensino a amar a vida. Cada vez que for tentado a deixá-la, diga a si mesmo: “Que eu faça uma boa ação antes de morrer”. Depois vá procurar algum indigente para socorrer, algum infeliz para consolar, algum oprimido para defender... Se esta consideração o retiver hoje, retê-lo-á ainda amanhã, depois de amanhã, toda sua vida. Se não o retiver, morra, você é somente um mau<sup>47</sup>.

Medidas tímidas começam a ser tomadas por juízes em casos específicos. Toulouse se torna um dos primeiros locais a repensar tais condenações sobre os corpos e os bens. No século XVI começa a ser exigida mais comprovação da morte, bem como fatores pessoais, tais como razões para tal atitude e hábitos e o defunto passa a ter direito de um defensor em seu julgamento. Há, também, tolerância a suicídios de mulheres, quando estavam relacionados à pobreza.

É importante ressaltar que todos os estudos feitos revelam que não se pode dizer que os casos de suicídio na modernidade foram maiores do que em outros períodos, principalmente ao comparar com a Idade Média, que buscou aniquilar a existência dos pecadores suicidas. O que aconteceu é que, visivelmente nesse período houve uma mudança de pensamento e se falou mais sobre o assunto, se escreveu mais e se buscou uma maior compreensão sobre o ato, chegando a única conclusão de ser uma escolha totalmente complexa, que pode ter diversas razões e tais razões se diversificam de acordo com cada indivíduo.

---

<sup>47</sup> Idem, p.145

## Contemporaneidade

Nada mudou desde a Idade Média: a miséria e a decadência física e moral continuam sendo as principais causas da morte voluntária entre a população rural. Existe um único elemento novo: o alcoolismo, que piora os casos de fragilidade mental<sup>48</sup>

O século XVIII se inicia ainda com a condenação do corpo e o confisco dos bens, contudo, há uma amenização da moral cristã, e o avanço da discussão humanista e também os laudos médicos que passam a patologizar alguns casos com a loucura. Na segunda metade do século começa-se a fazer uma análise estatística dos casos de suicídio. Ainda de forma muito complexa, mas necessária e considerável para observação. Todavia, há um grupo seletivo de pessoas que escapam desse balanço: os nobres que buscavam obter “vereditos de morte acidental ou por doença”<sup>49</sup>. As características, no entanto, que vão aparecendo nesses dados são: de mais homens que mulheres e que esses possuem algumas peculiaridades nos métodos utilizados; um número elevado de crianças e adolescentes, com idades de 10 a 14 anos, chegando a obter o recorde; idosos ficavam atrás, apenas dos números de crianças. Uma explicação histórica para a investigação de tais dados se dá pela estrutura social e econômica que estava sendo consolidada nesse momento.

No que diz respeito ao número elevado de crianças, a necessidade das famílias carentes, que são uma maioria avassaladora nesse período, fazem com que se criem a cultura de mandar crianças para trabalharem em casas de família com pouco mais de condição financeira, e nesses meios são constantemente submetidos a violências físicas, psicológicas e sexuais, sendo uma das possíveis causas do suicídio entre as adolescentes a gestação fruto de estupro. Ainda nesse período surge, com a Revolução Industrial, um caráter desumano das fábricas, e a inexistência de leis trabalhistas que, pelo menos, assegurassem um ambiente seguro de trabalho, empregando indiscriminadamente crianças e mulheres por serem consideradas mãos de obra mais baratas.

Os idosos são o segundo grupo de pessoas que mais se suicidam nesse período, tal fato pode se dar como uma resposta ao descaso da sociedade, que os deixam a mercê da própria sorte e expostos às doenças e vicissitudes do cotidiano.

---

<sup>48</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 349/350

<sup>49</sup> Idem, p. 358

Um fenômeno que ganha forma nessa época são as cartas suicidas. De acordo com Minois essa prática surge com uma tentativa dos indivíduos de mostrarem seus motivos aos familiares e a sociedade em geral, pois tais cartas eram publicadas em jornais<sup>50</sup>. Revelar sua motivação visava também alcançar a compreensão policial, facilitando o processo de julgamento e podendo conseguir uma sepultura. Com esse fato pode-se ser analisado melhor os motivos que mais afligem a população que buscam no suicídio uma saída, e para outros autores isso não foi graças ao aumento do alfabetismo mais sim as publicações em jornais, visto que, era comum encontrar cartas parecidas, onde os mais humildes transcreviam textos de nobres que se matavam. Outra característica que pode ser percebida é:

Os bilhetes suicidas revelam, na verdade, o desejo de viver, ao permanecer depois da morte e ao dar a seu gesto uma eficácia que não conseguiu ter em vida. Aliás, alguns pedem explicitamente que sua carta seja publicada nos jornais. Na maioria das vezes, o bilhete suicida é uma maneira simples de se desculpar, mostrando que a pessoa foi induzida àquele gesto por um destino injusto. Como se quisesse se acalmar, o desespero exprime assim a certeza de ser salvo pela misericórdia divina<sup>51</sup>.

Algumas características no século XIX serão completamente distintas dos outros períodos. Que mudanças aconteceram é mais do que evidente, mas, para Minois<sup>52</sup> tais transformações são marcas de um retrocesso no âmbito de discussão sobre o suicídio. Para o autor, percebe-se que após a Revolução Francesa houve uma pressão maior por parte de autoridades morais e políticas para restabelecer a moral antiga juntamente com os julgamentos e punições.

Como essas autoridades não têm mais um poder coercitivo na esfera moral, elas vão procurar interiorizar a repressão ao suicídio na consciência individual. Sua ação é ainda mais eficaz porque, de maneira surpreendente, o desenvolvimento das ciências humanas ajuda, de forma bastante inconsciente a reforçar o complexo de culpa individual e coletivo em relação ao suicídio<sup>53</sup>.

---

<sup>50</sup>Minois, Georges. A História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo. Unesp, 2018, p. 360

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Idem, p. 392

<sup>53</sup> Idem.



Agora já possuindo mais desenvolvimento nas formas de coleta de informações, os dados estatísticos se tornam cada vez mais precisos e detalhados, tornando-se possível a análise por regiões, classes sociais e contextos socioeconômicos. No entanto, com a psiquiatria, cresce ainda mais a crença de que o indivíduo suicida está sob alguma espécie de patologia. E com o advento da sociologia, o apontamento para injustiças sociais.

Apesar de ter sido um século que viu o debate acalorado por diversos filósofos, poucos foram os que se dispuseram a falar sobre o assunto. Mesmo Friedrich Nietzsche, vai dispor sobre o tema em pontos muito específicos em suas obras, mas deixando uma posição claramente favorável ao suicídio. Em um aforismo 157, da sua obra *Além do Bem e do Mal*, ele afirma “O pensamento do suicídio é um forte consolo; com ele podem-se atravessar muitas noites difíceis.”. Tal aforismo pode ser interpretado como que um indivíduo, a se ver em algum momento complicado da vida, onde se ache sem escolhas, a simples sensação de saber que poderá colocar fim a própria vida o reconforta, pois, querendo ou não, essa ainda é uma escolha. Dando uma forma de controle sobre algo.<sup>54</sup>

Entretanto, a parte que o argumento favorável aprece de forma mais clara é em sua obra *Assim Falou Zarathustra*, “Muitos morrem demasiadamente tarde e outros demasiadamente cedo. Ainda soa estranha a doutrina ‘morra no tempo certo!’”. Morra no tempo certo: assim ensinava Zarathustra.”. Fica claro como a “estranha doutrina” se refere ao retorno que Nietzsche faz a Sêneca, pontuando ainda que a brevidade da vida não deve ser determinado o seu fim por Deus, pelo destino ou pelo acaso, mas sim uma escolha tomada de forma racional.

Assim, para Nietzsche, a morte natural é na verdade uma morte não livre e não racional, ocorrendo, portanto, em momento impróprio. A morte voluntária, deliberada e escolhida, é racional e se dá evidentemente no momento oportuno. Nietzsche conclui então que “dever-se-ia, por amor à vida, querer a morte de outro modo, livre, consciente, sem acaso, sem imprevisto...”<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup>Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 41

<sup>55</sup>Idem.

Karl Marx publica uma obra, em sua fase de juventude, intitulado *Sobre o Suicídio*. Tal obra é apontada como um ponto fora da curva, tanto em vista sua forma de escrever e traçar questões nas suas obras posteriores, sendo essa praticamente esquecida pelo próprio autor. Como bem aponta Michael Löwy, algumas características específicas, desse texto, é que não foi escrito diretamente por Marx e sim excertos que ele os faziam de notas. Trata-se de relatos de episódios vividos por um antigo diretor dos Arquivos de polícia, Jacques Peuchet, e possui um caráter informal. Outros aspectos dizem respeito a, mesmo que o artigo não seja direcionado para uma questão de cunho econômico ou político, mas sim da esfera privada (o suicídio), essa questão social aparece pelo debate que se tem no interior da obra sobre a opressão que as mulheres vinham sofrendo nas sociedades modernas<sup>56</sup>.

Löwy revela ainda que:

Com efeito, esse texto de Marx é uma das mais poderosas peças de acusação à opressão contra as mulheres já publicadas. Três dos quatro casos de suicídio mencionados nos excertos se referem a mulheres vítimas do patriarcado ou, nas palavras de Peuchet/Marx, da tirania família, uma forma de poder arbitrário que não foi derrubada pela Revolução Francesa. Entre elas, duas são mulheres “burguesas”, e a outra, de origem popular, filha de um alfaiate. Mas o destino delas fora selado mais pelo seu gênero do que por sua classe social<sup>57</sup>.

Marx aponta, no entanto, o que poderia ser uma breve resposta ao que George Minois não encontrou em seu estudo histórico sobre o suicídio, no século XIX, pois ele onde a naturalização da sociedade frente aos dados, mas aponta que, apesar da repressão ser a mesma para todos os suicidas, diversas são as motivações, pois é possível encontrar casos em todas as formas de convívio social. Isso se dá porque, para Marx, a resposta não estar em compreender a complexidade social e suas mazelas, nem em dar laudos de doenças psicológicas, a questão jamais se resolverá, pois se encontra nas profundezas da individualidade de cada ser humano.

O número anual de suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica, deve ser considerado um

---

<sup>56</sup>Marx, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006 p.14

<sup>57</sup>Idem, p.18

sintoma da organização deficiente de nossa sociedade; pois, na época da paralisação e das crises da indústria, em temporada de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico. A prostituição e o latrocínio aumentam, então na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre artistas e os políticos. A adversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas<sup>58</sup>.

Apenas para introduzir o pensamento do autor que será mais abordado na segunda parte desse trabalho, no século XX Albert Camus dá ao debate (que, como foi exposto aqui, percorreu todas as épocas), uma nova ressignificação. Em sua obra *O Mito de Sísifo*, Camus aponta como que a questão do suicídio deveria ser um problema central da filosofia: “Só há um problema filosófico realmente sério: é o suicídio”. Para ele o suicídio se encontra no âmbito do indivíduo e não no social ou coletivo, pois é a percepção que cada um tem do mundo, a necessidade de conceber esse mundo para melhor se fazer parte, contudo, quanto mais se reflete e busca uma claridade sobre essa realidade, mas o homem sente-se um estrangeiro e então surge o sentimento de absurdo.

Com grande astúcia e perspicácia o filósofo argelino nos adverte que geralmente se supõe que diante da questão do suicídio a resposta que se deve esperar é “sim” de aprovação ou “não” de recusa. Todavia, as zonas nebulosas e intersticiais na vida humana são infinitas e obscuras<sup>59</sup>...

Para finalizar, como que essa questão é tratada no âmbito da lei desde então, ainda no século XVIII o debate sobre a condenação é bem acentuada, pois fortaleceu a ideia de que se tratava de um corpo inanimado e tais ações eram horrendas de serem vistas e sem nenhuma eficiência declarada, apenas servia de maior sofrimento e humilhação para a família do suicida. Com isso, no final do século XVIII e início do século XIX praticamente todos os países europeus descriminalizam o suicídio, com exceção da Inglaterra, que apenas em 1961 deixou de considerar crime. O argumento usado para a efetivação da descriminalização é que a loucura está presente em todos os casos.

---

<sup>58</sup> Idem, p. 24

<sup>59</sup> Puente, Fernando Rey. Os filósofos e o Suicídio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008, p. 42

Na esfera religiosa, sobre o suicídio ser um crime maior e sem perdão, por muito tempo isso vigorou na igreja, pois acredita-se que ao cometer um pecado mortal o homem poderia se redimir, porém antes de sua morte. No entanto, ao se matar, que passou a ser considerado um pecado mortal, a pessoa acabava com as chances de se arrepender e pedir o perdão desse pecado, por isso estaria condenado. Contudo, hoje, após o Concílio Vaticano II, a Igreja católica mudou o tom punitivo para mais misericordioso (talvez em decorrência às aparições de Jesus misericordioso à Santa Faustina)<sup>60</sup>, mas sem perder de vista a necessidade de um arrependimento, mesmo que já em outro plano, para se alcançar o perdão. Hoje, há velórios com missa de corpo presente e missa de sétimo dia, algo nem sequer sonhado em outros períodos.

Distúrbios psíquicos graves, a angústia ou o medo grave da provação, do sofrimento ou da tortura podem diminuir a responsabilidade do suicida. Não se deve desesperar da salvação das pessoas que se mataram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, dar-lhes ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida<sup>61</sup>.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve a criação de organizações que teriam por objetivo a fiscalização de países com o propósito de apontar para melhoria das condições de vida humana. Assim, em 1945 houve a criação da Organização das Nações Unidas – ONU e em 1948 a criação da Organização Mundial da Saúde- OMS e a Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH, delineando os direitos humanos básicos. Tais criações fortaleceram as instituições com dados e com orientações para os países em cima dessas informações coletadas dos países. Dito isso, um dos dados disponibilizados pelo relatório da OMS no ano de 2019<sup>62</sup>, aponta que a cada 40 segundos uma pessoa se mata no mundo, isso corresponderia a cerca de 800.000 pessoas todos os anos, outra característica é que esse número é formado em sua maioria por homens na faixa dos 15 a 29 anos, sendo assim a segunda maior causa de morte desse grupo, atrás apenas de acidente de carro. A orientação é para que os países

---

<sup>60</sup>Lavella, Giancarlo e Ceraso, Gabriella: “Festa da Divina Misericórdia nos recorda: não perder a esperança e a confiança em Deus, diz cardeal Dziwisz”. Vatican News, 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/festa-divina-misericordia-cardeal-dziwisz.html>>. Acesso em 26. Maio. 2020

<sup>61</sup>Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, ed. 11, 2001, p. 595

<sup>62</sup>“Um suicídio ocorre a cada 40 segundos, diz OMS”. Nações Unidas Brasil, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/>>. Acesso 26. Maio. 2020.

busquem estratégias para enfrentar o assunto. Disponibilizaram, também, uma cartilha que aconselha várias áreas de atuação, bem como a mídia e as escolas e pontuam que, é importante falar sobre o assunto, de forma responsável, é claro, mas que ele não deve ser um assunto que se joga ‘para baixo do tapete’.

Essas iniciativas podem ser vistas por diversos pontos de vista. Há um controle de massa? É uma nova forma do governo de controlar a vida individual das pessoas? Ou a intenção dessa supervisão é, de fato, estudar fatores para tornar a vida das pessoas, nessa curta passagem pela terra, um pouco menos sofrida? Há diversos pensadores se debruçando quanto a isso, (não no que diz respeito diretamente ao suicídio, pois como bem pontua George Minois, tal discussão foi sendo silenciada nos últimos séculos), mas quanto à interferência nem sempre positiva, na vida privada das pessoas, como forma de manipulação do sistema, como aponta Silvia Federici, sobre a vida das mulheres nessa sociedade capitalista.<sup>63</sup>.

## **CAPÍTULO 2: O ABSURDO E O SUICÍDIO EM *O MITO DE SÍSIFO***

Camus viveu em um período conturbado da história recente. Nascido em 1913 na Argélia, compartilhou o sentimento que toda da sua geração vivenciou: o esvaziamento de sentido dos valores tradicionais tão exaltados, como a noção de razão, de ciência, de progresso. Pois, pessoas que nasceram após o ano 1900 vivenciaram a Primeira Guerra Mundial; a crise econômica de 29; a fome; Guerra civil espanhola; a

---

<sup>63</sup>Federici, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019, p. 31

queda da democracia pelo nazismo e a ascensão de Hitler; as destruições em massa das sociedades na Segunda Guerra Mundial e suas experiências científicas altamente destrutivas, como em Hiroshima e Nagasaki; a luta sangrenta por independência de diversos países, como o caso da pátria de Camus, Argélia, logo após a Segunda Guerra Mundial. Desta forma, acredita-se que não havia respostas cabíveis, e não há, para tamanha barbaridade, crueldade e violência.

Após a Segunda Guerra Mundial, os artistas, pensadores e intelectuais se viram diante de uma solidão e de um sentimento de obrigação, que não mais visava o questionamento das ordens estabelecidas, mas, sim de construção de um mundo mais digno e justo, e por quais meios ele se daria. É mais que compreensivo a razão pela qual parte dos pensadores dessa época expressou em suas obras a descrença na racionalidade humana.

As produções, de parte dessa geração da primeira metade do século XX, são conhecidas como “literatura do desespero”<sup>64</sup>, onde nomes como de Malraux, Sartre, Graham Greene e Camus testemunham em suas obras o drama vivido e as questões existenciais geradas por esse cenário. Não tendo sido constituída numa escola filosófica ou literária, mas, sim num sentimento geral a todos contemporâneos, revelando características em comum de “uma época contraditória e irreconciliável”<sup>65</sup>

Camus e os escritores engajados presenciaram concretamente, e não em termos teóricos, o fracasso do progresso, da ciência, da liberdade, da democracia, da razão e finalmente do próprio homem [...] O mundo tornara-se vazio de valores e os escritores e artistas abandonaram o culto do absoluto e lançaram-se à procura de indicações que pudessem conduzir à criação de novos valores, nascidos da experiência absurda.<sup>66</sup>

Cada autor reage de um jeito a esse sentimento de vazio, de perda de significação, ou de doença do espírito\*, cada qual a seu modo, mas unidos no que vivenciaram. Camus e Sartre foram alguns dos intelectuais que passam a usar a palavra ‘absurdo’ como a forma de nomear e expressar esse sentimento. Há, contudo, uma diferença clara em como o assunto foi tratado pelos dois autores, para Camus o absurdo é uma constatação que permite ao homem começar a viver, enquanto que para Sartre é

---

<sup>64</sup>Barretto, Vicente. Camus: vida e obra. S/d, p.10.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Idem, p. 12

um estado vital por excelência<sup>67</sup>. Camus, no entanto, não chega a conceituá-lo, por perceber sua complexidade e a singularidade individual do encontro com o absurdo.

A história do emprego da palavra “l’absurde” na literatura francesa coincide com a reação do início do século XX contra a ciência. Nasceu da constatação intelectual de que o cosmos não é racionalmente ordenado. O pensamento hegeliano transmitiu para a cultura ocidental o sentimento nostálgico de que encontrar a racionalidade do mundo e das coisas era o objetivo primeiro da inteligência. A experiência humana em vez de ordem encontrou caos. O absurdo é, portanto, a conclusão a que se chega quando pretendemos encontrar no mundo ordem e razão, e achamos somente desordem e irracionalidade. Para expressar essa situação filosófica os franceses passaram a empregar a palavra “l’absurde”<sup>68</sup>.

Mesmo com a memória ainda fresca da nossa história recente, pouco ou quase nada aprendemos com ela, o que reforça a ideia de esperança, que Camus critica em sua obra, a ilusão de acreditar que após catástrofes sem precedentes, a sociedade passe a repensar sua forma de viver. É uma ideia religiosa da esperança, que para o autor é apenas uma forma de fuga da realidade, a falta de coragem de enfrentar o absurdo.

Um milênio que se esperava ser o novo mundo, o futuro, com carros voadores e tudo altamente tecnológico se depara dia após dia com notícias e fatos que entristece o coração de qualquer ser humano que mantém sua humanidade. É destruição da natureza, em resposta causa diversos desastres ambientais; o afunilamento de sistema que a cada dia mostra como as vidas valem até o momento que contribuem, de forma desumana, para o funcionamento da grande máquina; genocídios; povos inteiros largados a sorte; momentos inquietantes de desavença entre países detentores de armas com grande poder destrutivo; um vírus letal que releva o quanto a humanidade está extremamente unida e separada ao mesmo tempo, dando um novo significado à palavra globalização. Assim está sendo o século XXI, o milênio 2000.

Há diversas situações, mais especificamente nos últimos 10 anos, que vão ao encontro da realidade que Camus viveu. Após as duas Grandes Guerras que aconteceram no século passado, a esperança que nutria as pessoas, após os acordos de

---

<sup>67</sup> Idem, p. 18

<sup>68</sup> Idem, p. 43/44

Paz, a criação de entidades que “fiscalizariam” os países, era que, assim, evitaríamos tais atrocidades novamente. Mas nos enganamos frente à capacidade do homem de superar e se mostrar superior, de forma a pensar no melhor para o comum, pela sua capacidade racional, por seus exemplos tão recentes de capacidade destrutiva e por avanços técnico-científicos.

Isto posto, é na obra *O Mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo*, publicado em 1942 na França, que Camus faz uma análise profunda desse sentimento. Não se trata, porém, de uma filosofia do absurdo, mas sim de buscar um argumento racional sobre essa sensibilidade para o absurdo, uma “investigação racional de uma constatação existencial”<sup>69</sup>. Essa análise não será apenas de como esse sentimento vem à tona, diante de cenários tenebrosos na mesma escala que foram os acontecimentos do século XX, mas também, e, sobretudo, de como o ser humano lida com questões como o fracasso, o medo, o desespero, o horror a morte, a ansiedade, a aflição, o desgosto, etc. Ao passar por eventos grandiosos de assombro coletivo, ou questões, igualmente grandiosas, individuais, o homem se depara com a falta de sentido da vida, eis aí o despertar para o absurdo.

Assim sendo, Camus revela que não é apenas diante de fatos tão tenebrosos, como os vivenciados pelo autor no século passado, ou como esses atuais, que têm capacidade de relevar ao ser humano o absurdo, mas que esse absurdo pode ser encontrado no dia-a-dia de uma vida aparentemente tranquila, numa rotina qualquer, no projeto de vida pessoal que os indivíduos almejam, nas coisas simples do dia. O de se deparar com a questão de não saber exatamente o porquê se faz algo, o porquê se corre tanto sem sequer saber para onde está indo ou ainda pela tentativa de compreender o sentido de existir tanta desigualdade e todas as suas consequências, o consumo avassalador que destrói o nosso próprio habitat... Todas essas situações podem colocar o ser humano diante da questão: “Ser ou não ser? Eis a questão!”.

Tal frase de Shakespeare ressoa repetidamente toda vez que uma pessoa, de um modo ou de outro, se desperta para o absurdo. Quando há a constatação de que nada faz sentido na vida, de que não tem um porquê de estarmos aqui e não estamos indo para nenhum lugar, o que existe apenas é essa vida sem sentido, pessoas com quem nos

---

<sup>69</sup> Idem, p. 45



relacionamos, o mundo que habitamos e o caos, então, novamente essa frase, dita ou pensada de diversas formas, se repete.

Camus tira a questão do social e traz para o pessoal. É difícil fazer essa dissociação, porque, como que a injustiça social, a fome, a guerra, a forma de funcionamento de um sistema não influencia nessa constatação do absurdo? Contudo, se pensarmos em um mundo justo, tal qual imaginamos, ainda assim seria passível de constatação do absurdo, visto que ele pode se dar na monotonia do cotidiano e na busca de sentido. Isso independe da situação externa. De fato, pode ser que mais pessoas se deparem com esse sentimento, quando se passa por desastres de caráter coletivo das mais diversas naturezas. Talvez seja por isso que nesses períodos há mais casos de suicídio, por exemplo, entretanto tais casos não deixam de existir em momentos menos conflitantes<sup>70</sup>.

Como veremos, para Camus o suicídio é uma ação frente ao desencadeamento do sentimento de absurdo. Por conseguinte, não é um problema coletivo, de fato, mas individual, ao qual deve ser dada devida atenção, pois independente do que lhe ocasionou esse sentimento, a reação a ele pode ser trágica, e é sobre tais reações que o autor vai procurar examinar. Isso poderia explicar porque no início do seu livro *O mito de Sísifo* ele aborda que “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não apenas ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia”.<sup>71</sup>

O mundo absurdo, mais que qualquer outro extrai sua nobreza desse nascimento miserável. Em certas situações responder “nada” em uma questão sobre a natureza de seus pensamentos pode ser uma dissimulação para com o homem. Os entes queridos sabem disso. Mas se essa resposta é sincera; se representa esse estado d’alma em que o vazio se torna e eloqüente, em que a cadeia dos gestos cotidianos é rompida, e em que o coração inutilmente procura o anel que a restabeleça, então ela é como que o primeiro sinal da absurdidade.<sup>72</sup>

Camus retira esse caráter de problema social que o suicídio carregava para mostrar que, na verdade, se trata de um relacionamento entre o indivíduo e o suicídio.

---

<sup>70</sup> Marx, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 24.

<sup>71</sup> Camus, Albert. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 12

<sup>72</sup> Idem, p. 20

Para o autor, é no mais profundo do ser que é gerado este gesto. Começa por um pensamento e vai sendo nutrido até que o ato seja consumado, como surpresa para os mais próximos. Para entender a ação é preciso, segundo o autor, seguir e compreender “esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz”<sup>73</sup>.

No entanto, não se trata de buscar o que levou cada pessoa ao suicídio, pois, apesar de ser hoje uma das causas mais recorrentes de morte no mundo, sua causa não é comum e é praticamente impossível saber o que de fato levou uma pessoa a tal ato, a menos que se tenha deixado uma carta, como se tornou recorrente, explicitando suas motivações e, mesmo assim, é passível de questionamentos. Portanto, Camus aponta que a forma mais fácil de percorrer os passos dessa batalha fatal, na qual a consciência é jogada, é de arrancar do próprio ato suas consequências. Pois, ao fim, é um ato que revela a confissão de que não vale a pena viver.

Tal declaração interpretada pelo ato, diz respeito sobre o reconhecimento, mesmo que inconsciente, de que a vida é feita de rotinas sem lógica. Você acorda, pega o ônibus lotado, ou o carro, enfrenta congestionamento e chega ao trabalho; repete o mesmo serviço do dia anterior; come; volta para casa; faz carinho no cachorro; come e dorme. E isso se repete. Todos os dias da semana. Todas as semanas do ano. Todos os anos até chegar à aposentadoria ou morrer no trânsito. Em um dia qualquer recebe a notícia do falecimento de uma criança querida da família. O que faz sentido nessa vida? Em qualquer desses momentos existe a possibilidade de se deparar com o sentimento de absurdo, essa lacuna que existe e que sempre existirá entre o homem e o mundo.

A relação entre o sentimento absurdo e o suicídio se dá porque, como já vimos, para Camus esse sentimento gera uma ação e quando um indivíduo vive de acordo com seus princípios e suas verdades, ele leva até à última consequência. Isso soa familiar? Quantas vezes, ao estudarmos a História da humanidade não nos perguntamos o porquê de pessoas terem agido de determinada forma que nos parece ilógica? Seja por convicção religiosa ou por ideologias, como por exemplo, os nazistas? Há uma certa tendência em desumanizar tais indivíduos, acreditar que estavam fora de suas capacidades intelectuais ou algo semelhante, mas na verdade, foram apenas pessoas que agiram de acordo com suas convicções. Logo, o indivíduo que se desperta para a crença na absurdidade também deve pautar suas ações.

---

<sup>73</sup> Idem, p. 14

O autor afirma, no entanto, que é possível dizer que a maioria das pessoas, ao se defrontar com o sentimento de absurdidade, não se matam, mesmo que se tenha sempre se interrogado sobre a questão. Por outro lado, pode haver, por mais complexo que seja a questão, pessoas que se suicidam tendo um pleno sentido de vida e, isso se dá porque não existe nada de lógico no mundo, inclusive na morte. Tais contradições estão na dualidade sempre existente entre a mente e o corpo, enquanto a mente se depara com os males do mundo, o corpo se apega à vida. “O juízo do corpo tem o mesmo valor que o do espírito, e o corpo recua diante do aniquilamento”<sup>74</sup>.

Camus configura de “os muros absurdos” as situações que podem fazer despertar no homem o sentimento de absurdo. O cansaço, o tempo, o estrangeirismo, a desumanidade e a morte são exemplos que o autor dá de circunstâncias que têm potencial de “confrontação desse irracional com o desejo apaixonado de clareza”<sup>75</sup>.

“O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência”<sup>76</sup>. Podemos dizer que é o corpo contribuindo para o despertar do espírito frente à ilogicidade do mundo. Aquela pessoa que se vê cansada diante da rotina e se vê diante da pergunta “por que se faz o que se faz?” Não há respostas. Ela continua a vida, mas a pergunta não vai embora e a obriga a uma solução: “o suicídio ou o restabelecimento”<sup>77</sup>. O cansaço não é um fato em si, mas pode estar na origem desse despertar para o movimento da consciência.

É também essa natureza corpórea do homem, que preza sempre pela sua manutenção, que mantém os indivíduos presos à crença de eternidade. Aqui não se trata da eternidade no sentido religioso, da vida após a morte, mas de eternidade terrena, nessa característica tão humana de viver como se nunca fosse morrer. Todos os planos são para o futuro, esse futuro chega e já se tem mais planos para o futuro novamente. Isso é o que mantém parte das pessoas adormecidas frente à absurdidade do mundo. Porque sempre acreditam que a rotina, o caos, as dificuldades serão recompensadas nesse futuro, vê o tempo como amigo, ambos se pertencem. Mas o contrário também pode acontecer, pode ser por esse mesmo tempo que tanto faz correr o homem, seja o que o fará despertar. Ao se olhar no espelho e perceber cabelos brancos, algumas rugas,

---

<sup>74</sup> Idem, p. 16

<sup>75</sup> Idem, p. 27

<sup>76</sup> Idem, p. 21

<sup>77</sup> Idem.

de repente se tem 30 anos, e a bateria de exames que apontou possíveis problemas de saúde. “Mas eu tinha tanto tempo. Planejava ter um estilo de vida mais saudável”. E então o tempo passa ser inimigo.

Mas, no mesmo movimento, situa-se em relação ao tempo. Ocupa nele o seu lugar. Reconhece que está num certo momento de uma curva que, admite, precisa percorrer. Pertence ao tempo e reconhece seu pior inimigo nesse horror que o invade. O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo.<sup>78</sup>

Quando se é tomado pelo sentimento do absurdo, tudo se torna extremamente sem significado. A ideia de pertença a algo, na verdade, essa sede, essa necessidade de pertencimento, é perdida. Tudo se torna assustadoramente desconhecido e deslocado. Assim como uma pessoa que ao viajar para outro país não se sente parte daquela realidade, daquele local, ou melhor, um refugiado que por sobrevivência resolve tentar a vida em outro local onde as pessoas não lhe aceitam. Esse sentimento de medo e hostilidade é compartilhado pelo indivíduo após o sentimento do absurdo. Se sente estrangeiro no mundo.

Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e o cenário é propriamente o sentimento do absurdo. E como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada.<sup>79</sup>

A desumanidade se apresenta quando o ser humano se ver perdendo o sentido de tudo o que o rodeia, inclusive da relação com outras pessoas. Todas as ações e relações que somos ensinados desde sempre a manter, ao serem observadas de perto, não possuem nenhum significado, nem razão. Todos os sentimentos que alimentamos não possuem uma resposta razoável para serem mantidos. “Da mesma maneira, todos esses sentimentos irracionais sobre os quais a análise não sabe agir, posso defini-los na prática, reunindo a soma de suas consequências na ordem da inteligência”<sup>80</sup>. Essa

---

<sup>78</sup> Idem, p. 21

<sup>79</sup> Idem, p. 15

<sup>80</sup> Idem, p. 19

desumanidade se revela ainda na incapacidade de compreensão ou de reconhecimento do outro frente ao mesmo trabalho laborioso que todos se permitem viver.

Os homens também segregam desumanidade. Em certas horas de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima desprovida de sentido torna estúpido tudo o que os rodeia. Um homem fala ao telefone atrás de uma divisória de vidro; não se ouve o que diz, mas vemos sua mímica sem sentido: perguntamo-nos por que ele vive. Esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo<sup>81</sup>.

Por fim a morte. Está quase se transformando em um ditado popular a frase: “a única certeza que temos da vida é que vamos morrer”, apesar disso é uma das situações mais difíceis. Às vezes até pensar na morte própria ou de um ente querido causa certo desconforto. Por que será então que sendo algo tão natural e certo, ainda é um dos assuntos mais delicados? Camus aponta que “na realidade, não há experiência da morte”<sup>82</sup> é algo conhecido e desconhecido ao mesmo tempo. Já vivemos o luto por quem morreu, mas nunca vivenciamos a morte e é justamente por isso que nos atormenta, o desconhecido fim. Toda vez que vivenciamos o luto é uma possibilidade de encontro com o sentimento do absurdo, pois revela a relação com o tempo e a certeza de que sua hora também irá chegar.

Diante desse deserto no qual se encontra o homem após se deparar com o absurdo, Camus novamente aponta para a importância de se pensar nas consequências. Seria uma saída plausível o suicídio filosófico ou científico, visto que é normal que se busquem formas de lidar da melhor forma com os efeitos?

O absurdo não foi inventado por Camus. Como o autor mesmo aponta, ele se dá numa experiência individual que vai desde situações frívolas do dia-a-dia a catástrofes globais. Portanto, é mais que natural que se encontre nas ciências formas de compreender ou buscar compreensão.

No que diz respeito à ciência, pode-se dizer que o sentimento absurdo pode ocasionar na necessidade de buscar mais respostas “Essa nostalgia da unidade, esse

---

<sup>81</sup> Idem, p. 22

<sup>82</sup> Idem.

apetite de absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano”<sup>83</sup>, porém, as descobertas científicas sobre a natureza e o universo não provam a minha pertença à eles. Posso compreender as leis da física, mas em quê isso diz respeito a mim diretamente e devolve meu sentimento de união com o mundo que me rodeia?

Na filosofia, há igualmente tentativas de compreensão desse sentimento, Camus aponta alguns nomes em seu livro: Heidegger, Kierkegaard, Husserl, Jaspers, Chestov, mas o autor acredita que ao invés de “reaprender a ver, dirigir a consciência, fazer de cada imagem um lugar privilegiado”<sup>84</sup>, cada pensador, dentro de suas respectivas teorias, ao se defrontar com o absurdo arrumam uma válvula de escape. Seja por fim declarando a necessidade de Deus, ou a morte intelectual, ou ainda questionando a razão. Todos, aos seus modos, “representa, em última análise, uma fuga ao problema do absurdo”<sup>85</sup>.

De Jaspers a Heidegger, de Kierkegaard a Chestov, dos fenomenólogos à Scheler, no plano lógico e plano moral, toda uma família de espíritos, aparentados por sua nostalgia, opostos por seus métodos ou seus fins, teimaram em obstruir a via real da razão e recuperar os caminhos retos da verdade<sup>86</sup>.

A esperança pode também aparentar uma saída razoável frente ao sentimento de absurdo, contudo, seja ela esperança num mundo melhor e mais justo e que isso amenizará a absurdidade ou a esperança num mundo justo e bom após a morte, são para Camus, igualmente fuga, medo de se enfrentar o mundo absurdo tal como ele é. Não há seguranças de que uma sociedade igualitária traga respostas para todas as questões colocadas da vida sem sentido, como também, não há certezas de vida após a morte. “Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro”<sup>87</sup>.

Por conseguinte, não sendo nem a esperança nem o suicídio filosófico uma ação adequada frente ao absurdo, o suicídio poderia ser justificado como forma de agir frente ao absurdo? Para Camus a resposta é não. Ao se deparar com a falta de sentido da vida a melhor ação é viver tendo consciência de que a vida não tem sentido, não abdicar a própria vida por essa questão. Respeitar o curso da vida e seu destino, sem abrir mão da

---

<sup>83</sup> Idem, p. 24.

<sup>84</sup> Idem, p. 43.

<sup>85</sup> Barretto, Vicente. Camus: Vida e obra. S/d, p.50

<sup>86</sup> Camus, Albert. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 28

<sup>87</sup> Idem, p. 35.

razão e da consciência de que não somos parte de um todo e que não existe o “porquê”. Apenas aceitar o destino, porque é nessa aceitação que reside a capacidade de existência desses dois polos contrários e incomunicáveis: o homem e o mundo irracional, além disso, “O homem precisa estar vivo para dizer que a vida é absurda”<sup>88</sup>.

O que sei, o que é certo, o que não posso negar, o que não posso recusar, eis o que interessa. Posso negar tudo desta parte de mim que vive de nostalgias incertas, menos esse desejo de unidade, esse apetite de resolver, essa exigência de clareza e de coesão. Posso refutar tudo neste mundo que me rodeia, me fere e me transporta, salvo o caos, o acaso-rei e a divina equivalência que nasce da anarquia. Não sei se este mundo tem um sentido que o ultrapassa. Mas sei que não conheço esse sentido e que por ora me é impossível conhecê-lo. O que significa para mim significação fora da minha condição? Eu só posso compreender em termos humanos. O que eu toco, o que me resiste, eis o que compreendo. E estas duas certezas, meu apetite de absoluto e de unidade e a irredutibilidade deste mundo a um princípio racional e razoável, sei também que não posso conciliá-las.<sup>89</sup>

Não é à toa que Camus faz esse percurso no livro para ao final trazer o mito de Sísifo. Tal mito poderia ter diversas significações e interpretações quando não dentro de um contexto, o autor, no entanto prepara uma compreensão que se encaixe na sua percepção de absurdo abordado ao longo do livro.

Trata-se, portanto, de um homem, Sísifo, condenado pelos deuses a rolar sempre um rochedo até o pico de uma montanha, ao chegar lá a pedra caía novamente pelo seu próprio peso. E assim ele repetia seu trabalho, infinitamente. Aqui é a relação com o trabalho rotineiro e sem sentido na qual os seres humanos operam dia após dia. Sísifo é considerado por Camus como o “herói absurdo”, pois, ele o é “tanto por causa de suas paixões como por seu tormento. Seu desprezo pelos deuses, seu ódio à morte e sua paixão pela vida”<sup>90</sup> revela a sutileza que existe em uma vida em que não se espera nada, mas na qual se apegamos.

Mas então devemos apenas observar o absurdo que nos cerca, conformados com o destino do mundo, achando que as coisas estão apenas seguindo seu percurso natural? A alternativa dada por Camus é a revolta, que é um dos três sentimentos provocados no homem após a experiência com o absurdo, sendo os outros dois: a liberdade e a paixão.

---

<sup>88</sup>Barretto, Vicente. Camus: Vida e obra. S/d, p. 69.

<sup>89</sup> Camus, Albert. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 51

<sup>90</sup> Idem, p. 108.

A revolta será mais abordada em seu livro *O Homem Revoltado*, que será como uma resposta ao homem absurdo do *O Mito de Sísifo*. Esse ser revoltado se diferencia do ser revolucionário, pois deseja a unidade, o equilíbrio entre a negação e os valores definidos, enquanto que o revolucionário busca a totalidade, caracterizada pela rejeição dos valores e manifestações individuais.

## CONCLUSÃO

Esse rápido retorno histórico que buscou pontuar um pouco sobre como o suicídio foi tratado pela filosofia em momentos diferentes da história, e a leitura da obra de Camus nos faz perceber que, em cada época, aconteceram situações que obrigaram as pessoas a despertar para a absurdidade que é a vida. Não há, contudo, como tirar a responsabilidade do social e do sistema frente a esses acontecimentos, vendo que tais ações aumentam em momentos conflituosos, mas que isso partirá de um despertar individual de qualquer modo.

Seria de se esperar que ao fazermos uma análise histórico-filosófica chegaríamos a uma lógica ou que, enfim, a filosofia conseguiria sanar uma questão tão complexa



como o suicídio. Contudo, como bem vimos em Camus, a História da humanidade não tem nada de linear ou lógica, ela não está passando por processos de evolução, tal ideia adotada das teorias evolucionistas ou pela filosofia histórica de Hegel e Marx, por exemplo, não corresponde ao real do mundo.

Fazer um retorno à história nos dá a possibilidade de compreender justamente esse caráter caótico que se configura a História da humanidade e de perceber o quanto absurda ela sempre foi e sempre será. Essa necessidade humana, que se configura com nomes diversos com o passar dos séculos, na tentativa de dar uma esperança ao homem com a promessa de sentido de vida, se mostra fracassada.

Sempre que, de alguma forma, há uma constatação de que tal teoria não se sustenta mais, há um abalo social e o despertar para o absurdo se torna maior do que aqueles encontrados na rotina do cotidiano são os momentos de crises que sempre se fizeram presentes. Foi assim quando as doutrinas religiosas passaram a ser questionadas e o homem se sentiu só, na imensidão do universo, foi assim quando a ciência não conseguiu sanar as indagações mais profundas da existência humana e, está sendo assim, quando o capitalismo não consegue dar sentido de vida e liberdade no discurso de que tudo pode ser comprado.

Percebemos que, mesmo Camus escrevendo *O Mito de Sísifo* em um período complicado, ele não fez de sua obra uma análise da situação, ou o diagnóstico de como o absurdo se revelou de forma coletiva em sua época, mas sim, procurou apontar como esse sentimento de mal-estar sempre esteve presente e sempre estará, na história da humanidade. Porém, para Camus, tal constatação não é algo negativo, nem um sentimento que se basta em si mesmo, e sim um sentimento que precede necessariamente uma ação.

Ele busca mostrar que diversas reações frente a esse sentimento não são legítimas, pois são na verdade fuga da realidade e tentativa de mascarar tal sentimento. Portanto, a esperança, o suicídio filosófico ou o suicídio físico não são saídas autênticas. Pois, o homem absurdo deve seguir os passos de Sísifo que, ao se conformar com seu castigo, vive dia após dia, rolando o rochedo. Assim, ele está à frente de seu destino, pois tem consciência e mesmo assim opta pela vida. Tal atitude se configura como uma revolta aos deuses, pois os nega ao aceitar a condição de sua realidade.

Em suma, o suicídio não se resolve aqui e nunca se resolverá. Mas o que se pode dizer é que a vida não precisa ter sentido para ser vivida da melhor forma que der. Ela é amarga e sem sentido, porque estamos no mundo e nossa relação com ele é assim. Mas que existe felicidade no despertar para esse absurdo que é a vida sem sentido nesse mundo sem sentido, e a felicidade está justamente em se recobrar a consciência para essa condição. Há, no entanto, uma ação capaz de saciar essa vida absurda que é a revolta, capaz de fazer com que abandonem o egoísmo e lutem juntos em prol um dos outros. “O homem revoltado abandona seu egoísmo e dá as mãos para seu semelhante”<sup>91</sup>.

### Referências Bibliográficas

- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Domínio Público, s/d. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultura, 1991.
- BARRETO, Vicente. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro, s/d.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaios sobre o suicídio*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*. Ed. 11. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a meneceu)*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 31

---

<sup>91</sup>Barretto, Vicente. Camus: Vida e obra. S/d, p. 72.

GONZÁLEZ, Horácio. *Albert Camus: a libertinagem do sol*. 2ª Ed. São Paulo: brasiliense, 1983.

HUME, David. *Do suicídio e outros textos póstumos*. 2ª Ed. Florianópolis: Edições Nefelibata, 2004.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINOIS, Georges. *História do suicídio. A sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus, um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

PLATÃO. *As Leis*. Domínio Público, s/d. Disponível em: <<https://www.baixelivros.com.br/ciencias-humanas-e-sociais/filosofia/as-leis>>

PLATÃO. *Fédon (A imortalidade da alma)*. Domínio Público, s/d. Disponível em: <<https://www.baixelivros.com.br/ciencias-humanas-e-sociais/filosofia/fedon>>

PUENTE, Fernando Rey. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da loucura*. São Paulo: Editora Rideel, 2003, p.32.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 2ª Ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 1, s/d.

### **Bibliografia complementar**

“Um suicídio ocorre a cada 40 segundos, diz OMS”. Nações Unidas Brasil, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/>>. Acesso 26. Maio. 2020.

Lavella, Giancarlo e Ceraso, Gabriella: “Festa da Divina Misericórdia nos recorda: não perder a esperança e a confiança em Deus, diz cardeal Dziwisz”. Vatican News, 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/festa-divina-misericordia-cardeal-dziwisz.html>>. Acesso em 26. Maio. 2020